

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O GLOBO

Class.:

Data 15/09/84

Pg.:

755



Jurandy diz que está tranqüilo

Presidente da Funai pode ser demitido

BRASÍLIA — O Presidente da Funai, Jurandy Marcos da Fonseca, poderá ser demitido do cargo nos próximos dias por ter se recusado a assinar portaria que regulamenta a mineração em áreas indígenas, questionando um decreto presidencial. A informação foi prestada ontem pelos assessores mais próximos do Presidente da Funai, que afirmaram já estar "limpando as gavetas". Muito abatido, Jurandy disse que não recebeu ainda qualquer notícia do Ministério do Interior neste sentido — o Ministro Mário Andreazza está viajando — mas admitiu a possibilidade:

— Partindo do princípio de que o cargo não pertence a mim, é possível que eu seja substituído a qualquer momento. Estou jogando aberto com o Governo federal e espero que este jogo seja aberto comigo também — disse o Presidente da Funai, que, em diversos momentos da entrevista, utilizou-se de verbos no tempo passado: "Enquanto estive no cargo, não cedi um milímetro de minhas atribuições em defesa das comunidades indígenas".

Segundo os assessores, já existem até mesmo listas de "candidatos" ao cargo correndo na Funai e no Ministério do Interior. No final da tarde de ontem, os nomes apontados eram o do sertanista Apoena Meirelles, Delegado da Funai em Rondônia, e do Coronel Dêrcio Cunha, Diretor do Departamento de Segurança e Informação do Ministério do Interior.

VERSAO

Apesar de o Ministro Andreazza não ter aceito a demissão de Jurandy na última terça-feira, um dos assessores afirmou que o diálogo entre o Ministro e o Presidente da Funai não decorreu tão tranqüilamente como se noticiou. Jurandy teria relatado a seus assessores, na volta, que Andreazza repreendeu-o, porque, com sua atitude, estaria chamando o próprio Presidente da República de genocida, já que a exploração foi determinada por decreto presidencial.

— Se o Governo coloca a portaria como razão, então minha demissão é fato consumado, porque eu não assino — afirmou.

Durante a entrevista, Jurandy Fonseca fez diversas brincadeiras com relação ao nome de seu futuro sucessor e, mais tarde, despediu-se de um repórter afirmando que "esta pode ter sido a última vez". Com relação aos nomes sugeridos, disse:

— Se eles não assinarem a portaria, então os índios estão de parabéns com a substituição. Se o fizerem, eu lamento que venham para assinar esta medida.

Apesar da disputa interna dos diversos grupos de poder que vinham se formando dentro da Funai nos últimos tempos, o clima entre os assessores era de apreensão. Eles temem que a Funai volte aos tempos de "fechadura" e que um novo presidente não dê continuidade à política de colocar índios nos cargos de administração.

CRÍTICA

O Presidente da Funai, na entrevista, criticou a reação a sua atitude na imprensa e na tribuna da Câmara, através de discurso do Deputado João Batista Fagundes (PDS-RR), e as posições favoráveis à exploração mineral das áreas indígenas. Ele referiu-se especificamente ao editorial de quinta-feira do GLOBO, afirmando que "esta providência advogada pelo sr. Roberto Marinho causaria um genocídio".

— É muito raro aparecer na primeira página do GLOBO uma matéria daquele destaque, assinada por um dos nomes mais influentes da imprensa brasileira. Quando acontece, é porque o assunto merece seriedade e reflexão. Enquanto ele defende um ponto de vista, há pessoas que pensam de outra maneira. Os telegramas de solidariedade que tenho recebido do povo me tocam muito mais profundamente do que esta manifestação — disse.